As Fases da Salvação

Por Fábio Izidio

Teologia · 8 de novembro de 2026

Introdução

A soteriologia bíblica apresenta a salvação não como um evento estático ou unidimensional, mas como um processo abrangente e dinâmico que abarca a totalidade da existência humana no tempo. Na perspectiva das Escrituras Sagradas, o crente é compreendido como alguém salvo em três dimensões temporais integradas:

- **Dimensão Passada (Legal/Judicial):**
  - Romanos 8:24: "Porque na esperança fomos salvos".
- **Dimensão Presente (Transformadora/Experiencial):**
  - Atos 15:11: "Mas cremos que somos salvos pela graça".
  - 1ª Coríntios 1:18: "[...] mas para nós que somos salvos, poder de Deus".
- **Dimensão Futura (Escatológica/Consumada):**
  - Romanos 5:9-10: "[...] muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira [...] seremos salvos pela sua vida".

Nota-se que o filho de Deus desfruta da salvação em três momentos distintos e articulados:

1. **No passado**, mediante o ato declaratório da graça de Deus pela fé receptiva no sacrifício vicário de Cristo.
2. **No presente**, através da operação contínua e transformadora do Espírito Santo no viver diário.
3. **No futuro**, por meio da consumação da redenção na segunda vinda pessoal de Jesus Cristo.

Na teologia sistemática, essas três fases são formalmente categorizadas pelos seguintes termos:

- **Salvação no passado:** Justificação (**justificatio**).
- **Salvação no presente:** Santificação (**sanctificatio**).
- **Salvação no futuro:** Glorificação (**glorificatio**).

O que é justificação?

A justificação é o ato judicial e declaratório de Deus pelo qual Ele pronuncia o pecador crente como justo diante do Seu trono celestial, imputando-lhe a justiça perfeita de Seu Filho, Jesus Cristo. Não se trata de uma declaração baseada em méritos humanos intrínsecos ou em uma justiça infundida, mas sim na obra consumada de Cristo na cruz.

Para compreender a necessidade e a eficácia da justificação, faz-se indispensável analisar a natureza da condição humana decaída.

As Escrituras afirmam categoricamente a universalidade da depravação e da culpa: "Não há nenhum justo, nem um sequer" (Romanos 3:10); "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23); "não há homem que não peque" (2º Crônicas 6:36) e "não há homem justo sobre

a terra que faça o bem e nunca peque" (Eclesiastes 7:20). Em virtude do pecado original e de sua contaminação sobre a natureza humana, a condição natural do ser humano é a alienação: "éramos por natureza filhos da ira" (Efésios 2:3), legalmente condenados à morte eterna (Romanos 6:23).

O conceito de pecado na Bíblia envolve diversos termos no hebraico e no grego (como **chata't**, **pesha'**, **hamartia** e **parabasis**), indicando desvio, errar o alvo, rebelião e iniquidade. No entanto, o apóstolo João fornece a definição teológica mais objetiva: "Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei" (1ª João 3:4).

O reconhecimento do pecado exige a revelação prévia da santa lei de Deus. A lei não produz o pecado, nem é moralmente deficiente (Romanos 7:7, 12); sua função primordial na experiência da salvação é atuar como um espelho revelador da transgressão e da culpabilidade humana (Romanos 3:20; Tiago 1:23-25).

Exegeticamente, a relação entre o pecado e o desprezo pela lei é evidenciada no escrito paulino ao descrever o anticristo como "o homem da iniquidade" (2ª Tessalonicenses 2:3). A palavra grega traduzida por iniquidade é *anomia* (ἀνομια), formada pelo prefixo privativo *a-* (sem) e pelo substantivo *nomos* (νόμος, lei). O indivíduo iníquo (*anomos*) é aquele que rejeita ativamente a autoridade da lei moral divina, almejando uma autonomia moral ilegítima.

Portanto, o desfrute da justificação requer o reconhecimento da perpetuidade e da santidade da lei de Deus. Somente ao confrontar a exatidão dos mandamentos divinos o pecador toma consciência de sua incapacidade moral, o que o conduz ao verdadeiro arrependimento e à conversão (Atos 2:38; 3:19).

Mediante a atuação do Espírito Santo, o pecador convencido recebe a fé como dom da graça (Efésios 2:8-9). A fé é o instrumento receptivo — e não a causa meritória — que une o pecador a Cristo: "o justo viverá pela fé" (Romanos 1:17; Habacuque 2:4). Essa fé não é um assentimento cego, mas uma confiança convicta fundamentada no "evangelho eterno" (Apocalipse 14:6), o qual "é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Romanos 1:16).

Objetivamente, a justificação pode ser definida como a dimensão legal da salvação na qual Deus absolve a culpa do pecador, perdoa seus transgressões e o declara justo mediante a imputação da justiça de Cristo.

Sendo justificados em Cristo, o crente é liberto da condenação penal da lei. A lei continua a servir como norma de conduta e revelação do caráter divino, mas perde o seu poder de decretar a morte eterna sobre aquele que está em Cristo (Romanos 8:1).

A justificação é um evento pontual, forense e de natureza espiritual: ocorre de forma instantânea e imediata no momento em que o pecador aceita a Cristo pela fé. Contudo, embora ocorra em um momento específico do tempo, seus efeitos transformadores deságuam necessariamente na fase subsequente da salvação: a santificação.

O que é santificação?

Enquanto a justificação trata da libertação da **culpa** e da **condenação** do pecado (dimensão legal), a santificação diz respeito à libertação do **poder** e da **dominação** do pecado na vida diária do crente (dimensão experiencial e moral).

Após ser declarado justo, o crente, embora liberto da condenação legal, continua a habitar em um corpo de carne com tendências pecaminosas herdadas e cultivadas. É neste ponto que atua a santificação. Ela não é um ato único e instantâneo, mas um processo contínuo e progressivo que dura a vida toda.

Na santificação, ocorre uma cooperação dinâmico-sinérgica entre o Espírito Santo e o crente justificado. Deus concede a graça, a vontade e o poder renovador (Filipenses 2:13), enquanto o crente é exortado a atuar ativamente na mortificação das obras da carne e no cultivo das virtudes do Espírito (Romanos 8:13; Colossenses 3:5-10; 2ª Pedro 1:5-8).

A Palavra de Deus é o instrumento primário da santificação: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (João 17:17). À medida que o crente contempla a glória de Deus revelada nas Escrituras e na pessoa de Cristo, ele é gradualmente transformado de glória em glória na mesma imagem (2ª Coríntios 3:18).

Assim, o padrão moral da santificação permanece sendo a própria lei divina (Salmo 19:7-11; Romanos 7:12), agora escrita no coração do crente sob a Nova Aliança (Hebreus 8:10). A santificação é o desenvolvimento do caráter de Cristo no ser humano, capacitando-o a viver uma vida de amor, obediência e serviço fidedigno a Deus e ao próximo.

O que é glorificação?

A glorificação é a fase final e a consumação escatológica do plano da salvação. Enquanto a justificação nos liberta da **culpa** do pecado e a santificação nos liberta do **poder** do pecado, a glorificação nos libertará definitivamente da própria **presença** do pecado e de todas as suas consequências físicas, morais e ambientais.

Esse evento glorioso ocorrerá de forma instantânea e visível por ocasião da Segunda Vinda de Jesus Cristo e da ressurreição dos mortos em Cristo (1ª Tessalonicenses 4:16-17; 1ª Coríntios 15:51-53).

Na glorificação, a natureza humana passará por uma transformação corpórea e substancial:

- Os mortos em Cristo serão ressuscitados com corpos incorruptíveis, gloriosos, poderosos e espirituais (1ª Coríntios 15:42-44).
- Os santos vivos serão transformados em um momento, sem provar a morte, recebendo a imortalidade (1ª Coríntios 15:52-54).

O corpo mortal e propenso à decadência será revestido de imortalidade (**athanasia**, ἀθανασία), eliminando para sempre a enfermidade, a dor, a decrepitude física e a morte (Apocalipse 21:4). O caráter perfeitamente restaurado à imagem de Deus durante a santificação receberá a confirmação definitiva, e os salvos habitarão eternamente na presença de Deus na Nova Terra restaurada (2ª Pedro 3:13; Apocalipse 22:1-5).

Assim, a salvação completa manifesta o plano pleno de Deus: Fomos salvos da condenação (Justificação), estamos sendo salvos da dominação (Santificação) e seremos salvos da presença e dos efeitos do pecado (Glorificação).

Referências Bibliográficas

- BLAZEN, Ivan T. “Salvação”. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 305-352.
- BRUNT, John C. “Ressurreição e Glorificação”. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 390-420.
- BRUCE, F. F. **The Epistle to the Romans: An Introduction and Commentary** (Tyndale New Testament Commentaries). Grand Rapids: Eerdmans, 1985.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- HOEKEMA, Anthony A. **Salvação pela Graça: Teologia da Redenção**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- MORRIS, Leon. **The Apostolic Preaching of the Cross**. 3rd ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1965.
- NICHOL, Francis D. (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v. 6.
- RODRÍGUEZ, Ángel Manuel (Ed.). **Salvação pela Graça: A Perspectiva Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.